

Piaget, Vigotski, Wallon

Teorias psicogenéticas em discussão

YVES DE LA TAILLE
MARTA KOHL DE OLIVEIRA
HELOYSA DANTAS

PIAGET, VIGOTSKI, WALLON
Teorias psicogenéticas em discussão
Copyright © 1992, 2019 by autores
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**
Assistente editorial: **Michelle Campos**
Capa: **Renata Buono**
Projeto gráfico: **Crayon Editorial**
Diagramação: **Santana**
Impressão: **HRosa Indústria Gráfica**

Summus Editorial
Departamento editorial
Rua Itapicuru, 613 – 7º andar
05006-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3872-3322
Fax: (11) 3872-7476
<http://www.summus.com.br>
e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor
Summus Editorial
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado
Fone: (11) 3873-8638
Fax: (11) 3872-7476
e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário

| | |
|--|-----------|
| Apresentação à nova edição | 7 |
| Apresentação | 9 |
| Parte I – Fatores biológicos e sociais | 13 |
| 1 O lugar da interação social na concepção de Jean Piaget | 15 |
| <i>Yves de La Taille</i> | |
| 2 Vigotski e o processo de formação de conceitos | 33 |
| <i>Marta Kohl de Oliveira</i> | |
| 3 Do ato motor ao ato mental: a gênese da inteligência segundo Wallon | 53 |
| <i>Heloyza Dantas</i> | |

| | |
|--|-----|
| Parte II – Afetividade e cognição | 69 |
| 4 Desenvolvimento do juízo moral e afetividade na teoria de Jean Piaget | 71 |
| <i>Yves de La Taille</i> | |
| 5 O problema da afetividade em Vigotski | 115 |
| <i>Marta Kohl de Oliveira</i> | |
| 6 A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon | 131 |
| <i>Heloyza Dantas</i> | |
| Apêndice – Três perguntas a vigotskianos, wallonianos e piagetianos | 153 |
| <i>Yves de La Taille, Heloyza Dantas, Marta Kohl de Oliveira</i> | |

Apresentação à nova edição

Quando *Piaget, Vigotski¹, Wallon* foi lançado, em 1992, imediatamente recebeu reconhecimento de público e crítica. Ao reunir duas grandes professoras da área da educação e um professor da área da psicologia, o livro veio ao encontro do anseio de pesquisadores e alunos das áreas de pedagogia e psicologia.

Hoje, quase 30 anos depois da primeira edição, pode-se dizer que a obra se tornou um clássico. Adotada em centenas de cursos no Brasil inteiro, ela continua se destacando pela riqueza de conteúdo e pela grande contribuição à educação e à psicologia que produziu ao esclarecer as ligações entre as teorias psicogenéticas e a afetividade.

1. Em russo, as letras *ii* que aparecem na primeira e na última sílabas do nome Vigotski são diferentes entre si; com grafia e som diversos, não encontram uma correspondência exata em línguas ocidentais. Ao fazer a transliteração do alfabeto cirílico para o latino, cada tradução optou por uma grafia diferente. Quando a presente obra foi originalmente publicada, em 1992, a grafia predominante no Brasil era *Vygotsky*, pois suas primeiras obras publicadas aqui foram traduzidas de edições norte-americanas. Atualmente, a grafia mais aceita em português é *Vigotski*, e por isso optamos por alterá-la a partir desta edição. No caso de citações bibliográficas, porém, mantivemos a grafia particular usada em cada obra. [N. E.]

Numa época em que as instituições ditas democráticas se veem seriamente ameaçadas; em que a aquisição de conhecimentos é sobrepujada pelo imediatismo; em que as teorias já consagradas em várias áreas sofrem constantes golpes, este livro que o leitor tem em mãos é um verdadeiro bilhete para o caminho do senso crítico e da liberdade.

Esperamos, pois, que antigos leitores voltem a mergulhar nestas páginas, e que toda uma nova geração possa se beneficiar das ideias de Yves de La Taille, Marta Kohl de Oliveira e Heloysa Dantas.

Os editores

Apresentação

Este livro é resultado de dois anos consecutivos (1989-1990) de participação nas reuniões anuais da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto, agora Sociedade Brasileira de Psicologia (SBP). Somos devedores de Maria Clotilde Rossetti Ferreira, professora titular da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP de Ribeirão Preto, pela ideia de publicar o conteúdo dos cursos e mesas-redondas que realizamos nessas reuniões.

A receptividade que os temas apresentados encontraram deve ser interpretada como um indicador seguro da necessidade que havia de abordá-los, tanto no plano da teoria quanto no do embasamento da práxis pedagógica. Ela sinaliza também um processo de filtragem, que vem conferindo à psicogenética um lugar de destaque cada vez maior. Estudar as funções psíquicas à luz de sua gênese e evolução vem dando frutos muito ricos: aqueles que decorreram da teoria piagetiana, que tem se mostrado capaz de absorver as con-

cepções cognitivistas não genéticas, o demonstram à saciedade. Seu avanço, no entanto, requer fazê-la entrar em diálogo com interlocutores de peso: daí a escolha de Vigotski e Wallon, que vêm cumprindo essa função ativadora e dinamogênica.

O confronto, em profundidade, desses três pontos de vista pode colocar o investigador na chamada “zona crítica” da ciência psicológica, nos seus confins, região onde se travam as polêmicas e se geram os avanços. Nesse sentido, o interesse pelo diálogo entre eles representa a utilização de uma das duas formas possíveis de progresso em ciência, aquela que alterna seus efeitos com os que procedem da confrontação com os dados. Confrontam-se teorias com fatos, ou teorias com teorias.

Essa última talvez seja a única forma possível de evolução para um sistema da solidez do piagetiano, que corre o risco de imobilizar-se, vítima de sua própria hegemonia. Esse papel de confrontação teórica tem sido cumprido, nos últimos anos, pelas ideias de Vigotski, em sua instigante abordagem sobre a dimensão social no desenvolvimento psicológico.

Outro tipo de necessidade presidiu a escolha dos temas. Os educadores pedem que as teorias psicológicas expliquem o funcionamento da inteligência e da afetividade, mas disso elas não têm dado conta. No cenário atual, a psicanálise e a psicogenética construtivista vêm dividindo essa tarefa, o que tornou aquelas dimensões paralelas e exteriores. A demanda reflete então o desejo – muito justificado – de pedir à psicogenética, aquela mais próxima da teoria acadêmica e da práxis pedagógica, que dê solução a esse impasse. Daí o acerto de incluir a perspectiva walloniana, que tem uma contribuição específica para esse tema.

Em suma, a escolha dos autores reflete a necessidade de fazer amadurecer, pelo confronto, a psicologia genética; a seleção dos assuntos, a integração, em benefício tanto da teoria quanto da prática, do estudo dos dois grandes eixos da pessoa. Nossa contribuição foi a de aproximá-los; ao leitor cabe a tarefa de instaurar o diálogo entre eles.

Os autores

Parte I

Fatores biológicos
e sociais

1

O lugar da interação social na concepção de Jean Piaget

YVES DE LA TAILLE

Em seu livro *Biologie et connaissance*, Piaget escreveu que “a inteligência humana somente se desenvolve no indivíduo em função de interações sociais que são, em geral, demasiadamente negligenciadas”.¹ Tal afirmação, num livro cujo título resume o tema central da obra do autor, talvez cause estranheza em alguns leitores, pois, como é notório, Piaget costuma ser criticado justamente por “desprezar” o papel dos fatores sociais no desenvolvimento humano. Todavia, nada seria mais injusto do que acreditar que tal desprezo realmente existiu. O máximo que se pode dizer é que, de fato, Piaget não se deteve longamente sobre a questão, contentando-se em situar as influências e determinações da interação social sobre o desenvolvimento da inteligência. Em compensação, as poucas balizas que colocou nessa área são de suma

1. PIAGET, J. *Biologie et connaissance*. Paris: 1967, p. 314. [Em português: *Biologia e conhecimento: ensaio sobre as relações entre as regulações orgânicas e os processos cognoscitivos*. Petrópolis: Vozes, 1973.]

importância, não somente para sua teoria como também para o tema.

A fim de introduzir a questão, analisemos a seguinte afirmação: *o homem é um ser essencialmente social, impossível, portanto, de ser pensado fora do contexto da sociedade em que nasce e vive. Em outras palavras, o homem não social, o homem considerado molécula isolada do resto de seus semelhantes, o homem visto como independente das influências dos diversos grupos que frequenta, o homem visto como imune aos legados da história e da tradição, este homem simplesmente não existe.*

Tal postulado, segundo o qual o homem é, como dizia Wallon, *geneticamente social*, vale para a teoria de Piaget. Escreve ele:

Se tomarmos a noção do social nos diferentes sentidos do termo, isto é, englobando tanto as tendências hereditárias que nos levam à vida em comum e à imitação como as relações “exteriores” (no sentido de Durkheim) dos indivíduos entre eles, não se pode negar que, desde o nascimento, o desenvolvimento intelectual é, simultaneamente, obra da sociedade e do indivíduo.²

Todavia, como escreve Piaget em seguida, tal postulado é demasiadamente amplo e, por conseguinte, vago. Uma interpretação possível seria afirmar que o porvir da razão individual é erguer-se acima dessa base social comum, de lhe ser superior. Outra seria pensar que, no seu desenvolvimento, a razão é incessantemente esculpida pelas diversas determina-

2. PIAGET, J. *Études sociologiques*. Genebra/Paris: Droz, 1977, p. 242. [Em português: *Estudos sociológicos*. Rio de Janeiro: Forense, 1973.]